

DIRETOR: ANA CRISTINA GIL
 EDITOR: ADOLFO FIALHO
 EQUIPA EDITORIAL: ANA DIOGO,
 LEONOR SAMPAIO DA SILVA,
 MAGDA CARVALHO,
 MARIA DA LUZ CORREIA,
 SUZANA CALDEIRA

MAIO DE 2020 • Nº 30

AGORA

Página Facebook: https://www.facebook.com/Agora-1851778665043178/?ref=aymt_homepage_panel | Email: agora.fcsh@gmail.com

JORNAL
 DA FACULDADE
 DE CIÊNCIAS SOCIAIS
 E HUMANAS
 DA UNIVERSIDADE
 DOS AÇORES

Nota de abertura Tic tac... tic tac... tic tac...

Volvidos mais de dois meses depois de a UAc ter encerrado portas, continuamos distanciados fisicamente, mas sempre sintonizados nas nossas novas rotinas. Em velocidade de cruzeiro, a UAc e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) aproveitaram os ventos favoráveis das novas tecnologias e embarcaram numa experiência de teletrabalho e ensino à distância, oferecendo o melhor de si em prol de toda a comunidade.

O *Agora* dedica este número ao contexto que tomou conta das nossas vidas. A rubrica *Ágora* desvendada-nos a origem da palavra vacina, uma das mais utilizadas na nossa comunicação quotidiana, e a rubrica *Agora* faz um interessante apontamento sobre os grandes surtos pandémicos da nossa história coletiva. E, como em *Agora é hora* já se fala de desconfinamento, *Agora é moda* apresenta-nos as novas tendências para as máscaras desta estação.

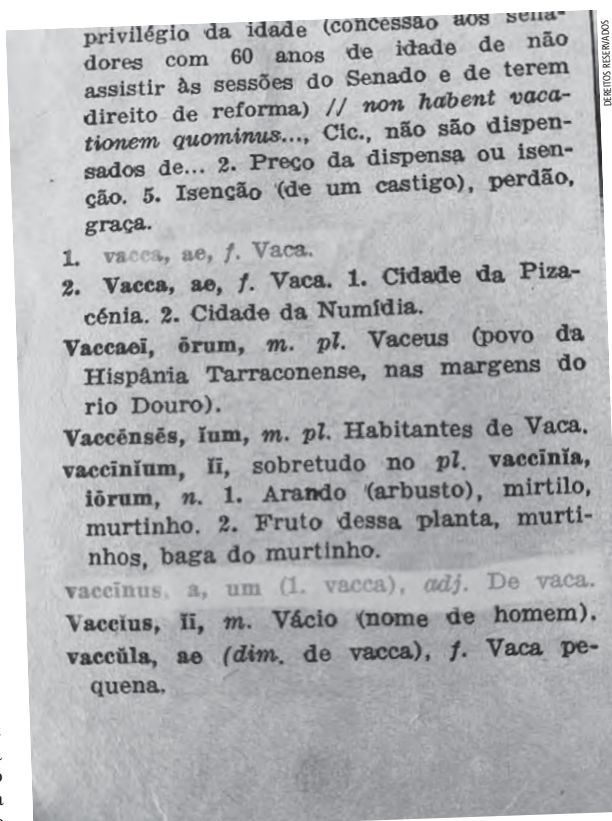
Ainda neste contexto, em *Conversa escrita*, Marta Decq Mota, a Diretora do Serviço de Gestão Académica da UAc, falou-nos das suas atuais preocupações e das respostas que se tem dado a toda a comunidade.

ADOLFO FIALHO
 (DOCENTE DA FCSH)

Ágora

O léxico da pandemia

Uma das consequências da pandemia foi ter trazido para a nossa comunicação quotidiana palavras que, não obstante já existirem antes, não eram utilizadas tão frequentemente, não despertavam tanta atenção e nem desencadeavam em nós reações emocionais tão fortes quanto agora. Entre essas palavras contam-se *vírus*, *coronavírus*, *confinamento*, *máscara*, para além da própria palavra *pandemia*. *Confinamento* poderá nesta altura causar-nos cansaço, à palavra *máscara* associaremos incómodo ou proteção, mas a palavra *vacina* representa o que mais desejamos, a esperança de recuperação das nossas liberdades. Todos estamos familiarizados com as vacinas, já fomos vacinados várias vezes, mas muito poucos conhecerão a origem da palavra *vacina* e saberão que ela vem do adjetivo latino "vaccinus, a, um", que quer dizer "de vaca, relativo a vaca", e que, portanto, as palavras *vaca* e *vacina* são da mesma família. Mas a verdade é que são, e explico agora como e quando a palavra *vacina* ganhou o significado do procedimento médico que hoje



"A palavra *vacina* deriva do nome latino *vacca*", explica Ana Teresa Alves.

conhecemos: Edward Jenner (1749-1823), que dá nome ao reputado Instituto Jenner da Universidade de Oxford (também na corrida pela vacina contra o novo coronavírus), foi um médico rural que observou que as ordenhadoras, por estarem constantemente expostas à varíola bovina, não contraíam a varíola humana, ou seja, a varíola bovina protegia-as da varíola humana. Assim, concluiu que o pus das bolhas da varíola bovina, menos perigosa do que a humana, poderia ser inoculado em pessoas para as proteger. E em maio de 1796 inoculou com pus de uma ordenhadora infetada por uma vaca o filho do seu jardineiro. Verificou-se depois que a criança, quando recebeu pus de uma pessoa com varíola, não adoeceu.

Uns anos mais tarde, um amigo de Jenner designou o processo descoberto por aquele de "vacina", que deriva do adjetivo que já referi, que por sua vez deriva do nome latino "vacca".

ANA TERESA ALVES
 (VICE-REITORA DA UAC)

Agora

Epidemias e pandemias: uma história de medo e superação

Os últimos tempos têm sido desconcertantes, até fruto do inimaginável, para o pensamento comum. Poucos tinham vivido fenómenos de propagação grave de doenças. É certo que a recente pandemia do vírus H1N1 provocou a morte de 203 mil pessoas. Ainda antes, seria de invocar a



Médico da "peste negra", pintura de Paul Furst (1656).

disseminação, particularmente estigmatizante, do VIH/SIDA. Atuais doenças como o Ébola, o Zika e o Dengue, entre outras, têm potencial para se transformar em pandemias. Curiosamente, ou não, nunca se deixou de prever a possibilidade de mais um surto epidemiológico e/ou pandémico, mesmo nestes tempos de avanço científico. Mas outros períodos da história não tiveram os mesmos argumentos, nem as mesmas aptitudes. Memória histórica de grande surto pandémico é a da pneumónica, que matou cerca de 50 milhões de pessoas. Há estudos recentes sobre a forma como esta atingiu Ponta Delgada, mas também as ilhas do Faial e das Flores, e não só. Antes dela, podemos invocar outras gripes, as pandemias de cólera e as inúmeras crises de peste bubónica, da Europa de oitocentos e de

todos os períodos anteriores, com referência máxima na Peste Negra, do século XIV. Esta, que muitos consideram a maior pandemia da história, matou entre 1/3 e metade das populações europeia e asiática. E o que foi e é diferente entre esses tempos e os atuais? A mobilidade humana? A flagrante desigualdade de meios e conhecimentos? A atual crença na ciência? É que todos foram tempos desastrosos, provocaram medos e estigmas incontroláveis, mas também acabaram por transformar-se em experiência, conhecimento e superação. Sapientes das nossas atuais vantagens, queiramos ultrapassar esta crise, que é mais do que sanitária, envolvendo outras questões culturais e sociais estruturantes.

RUTE DIAS GREGÓRIO
 (DOCENTE DA FCSH)

Agora deu-me para isso

O melhor de dois mundos

Daniela Faria licenciou-se em Psicologia pela UAc e frequentou agora o Mestrado em Ciências Económicas e Empresariais. É a atual presidente da Associação Académica da Universidade dos Açores

Ainda recordo com carinho e emoção o momento em que recebi a notícia de que tinha ficado colocada na minha primeira e única opção: curso de Psicologia da Universidade dos Açores. O facto de ser uma pessoa envolvida em muitas atividades quando vivia no Faial motivou-me a envolver-me em atividades também durante a frequência no ensino superior e, por isso, integrei a praxe académica, fui a um ensaio ou outro das tunas académicas, integrei o núcleo de estudantes de psicologia e tornei-me voluntária na cantina da UAc.

Todas estas atividades me fizeram-me conhecer pessoas inesquecíveis e me proporcionaram-me vivências que recordarei sempre com muita saudade, pois rapidamente me fizeram sentir em casa. No terceiro ano do curso, fui convidada a integrar a equipa da Pastoral Universitária e a Associação Académica como Vice-Presidente para o Pelouro da Ação Social e Políticas Sociais o que, de certa forma, me proporcionou uma oportunidade para retribuir à UAc parte do tanto que já recebi até hoje. O final do primeiro ciclo de estudos chegou mais depressa do que eu alguma vez pude imaginar. Sentia que não podia cortar laços com a UAc e, por isso, candida-tei-me ao Mestrado em Ciências Económicas e Empresariais e fui aceitei. Candidatei-me também a presidente da Direção da Associação Académica e, desde então, a UAc ocupa um espaço ainda mais especial na minha vida. Todos os dias são uma aprendizagem, enquanto dirigente associativa. É mágica a sensação de



“Todos os dias são uma aprendizagem, enquanto dirigente associativa”, partilha Daniela Faria.

pensar, repensar, adaptar, propor e fazer acontecer. É desafiante e é, sobretudo, uma tamanha responsabilidade ocupar este lugar. É quase que como uma página que escrevo em paralelo, mas que não se pode minimizar. Ser presidente da AAUA tem sido uma experiência incrível porque

me tem possibilitado, para além do enriquecimento profissional, um crescimento pessoal e um envolvimento social que se refletem em muitos aspetos positivos da minha vida.

Considero que tenho tido o melhor de dois mundos durante todo o meu percurso académi-

co, pois não só tenho tido a oportunidade de aprender com os excelentes docentes da UAc, como também tenho vivenciado todo o extra que vai para além do estudo.

DANIELA FARIA
(ALUNA DA UAC)

Aluna da FCSH lança livro sobre filosofia com crianças

No passado dia 20 de maio, Filipa Igrejas, Mestre em Filosofia para Crianças pela Universidade dos Açores (UAc), lançou o seu livro *Entre a liberdade e a opressão: um percurso para pensar a prática de filosofia com crianças*. Trata-se de um trabalho que surge no seguimento da tese de Mestrado que Filipa Igrejas defendeu, em outubro de 2019, na Universidade dos Açores. O livro foi apresentado pelo Prof. Maximiliano Duran, da Universidade de Buenos Aires, e a sessão decorreu *online*, numa organização conjunta entre o NICA: Núcleo Interdisciplinar da Criança e do Adolescente, da UAc, e o NEFI: Núcleo de Estudos de Filosofia e Infâncias, da Universidade Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O livro foi publicado pela NEFI

Edições, da UERJ, e pode ser descarregado gratuitamente no site da editora. Na mesma sessão foi ainda lançado *Caminhar como modo de vida: da pesquisa à skolé*, de Carolina Oliveira, aluna do Programa de Mestrado em Educação - ProPEd, da UERJ.

MAGDA CARVALHO
(DOCENTE DA FCSH)



O lançamento decorreu *online* e contou com a participação de docentes e investigadores de todo o mundo

Alumni

Aprender a aprender

Setembro de 1996, disciplina de Antropologia Cultural, 2.º andar do atual edifício da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, sala 3.4. Foi este o contexto do início da minha experiência na Universidade dos Açores enquanto estudante do 1.º ano do recém-criado curso de Sociologia. A incerteza era elevada, não só porque entrava num novo grau de ensino, mais exigente e rigoroso, como o próprio curso carregava o fardo de ser estreante e incógnito aos olhos da restante comunidade académica e, atrevo-me a dizer, dos 25 alunos que o frequentavam.

Apesar das dificuldades iniciais, fruto da necessária adaptação à nova realidade pedagógica que decorre da clivagem entre o ensino secundário e o superior, devo referir que o curso de Sociologia superou as expectativas, cumprindo com seus os propósitos: estudar a sociedade e compreender os padrões de relações

sociais nas suas diferentes vertentes, através da construção de uma estrutura de saber sobre a mudança e a ordem social, por via da investigação empírica e análise crítica.

Tal como em qualquer área científica, a qualidade do corpo docente é fundamental para o sucesso da transmissão do conhecimento e, neste aspeto, posso afirmar que os professores, cada um com as suas idiosincrasias - algumas ininteligíveis para os discentes -, se revelaram peças complementares de um puzzle de sucesso que se foi desvendando ao longo do tempo.

Seria injusto não fazer referência aos colegas do curso de Sociologia, alguns deles amigos de hoje. Os trabalhos de grupo, as conversas de café, as partilhas de apontamentos, as discussões acerca das frequências e os debates sobre o perfil dos docentes - entre outras recordações inesquecíveis -, ficarão para sempre



Filipe Machado é licenciado em Sociologia pela UAc

registadas na memória e são parte do repertório da minha vida. Após, tive a felicidade de regressar à Universidade dos Açores e de conhecer os bastidores da máquina académica, revendo e trabalhando com os professores de então. Desta gratificante experiência pude reforçar a ideia de que, enquanto estudantes, mais do que a obtenção do saber, aprendemos a aprender.

FILIPE MACHADO
(ANTIGO ALUNO DA UAC)

Agora... a Diretora do Serviço de Gestão Académica da UAc

“A comunicação à distância não é mais difícil, por vezes requer é mais do nosso tempo”

DIREITOS RESERVADOS



“Tem sido uma experiência muito positiva e enriquecedora, para a qual julgo que contribuiu em muito a organização interna da UAc”, partilha Marta Decq Mota, Diretora do SGA da UAc.

Marta Decq Mota é a Diretora do Serviço de Gestão Académica da Universidade dos Açores desde 2014, mas a responsabilidade de coordenar à distância o teletrabalho de uma equipa de uma dezena de funcionários distribuídos entre Ponta Delgada e Angra do Heroísmo é o seu novo normal apenas há uns meses. Licenciada em Direito, pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, Marta Decq Mota assume que a comunicação é uma das suas preocupações centrais enquanto responsável pelo SGA e partilha connosco algumas das dúvidas mais recorrentes dos estudantes em tempos de pandemia e de ensino à distância

É Diretora do Serviço de Gestão Académica da UAc desde setembro de 2014. Pode falar-nos um pouco da equipa do SGA e da sua organização?

O SGA conta com 15 colaboradores, repartidos pelos *campi* de Ponta Delgada e Angra do Heroísmo, para diariamente assegurar a execução das tarefas da sua competência e responsabilidade. Não obstante estar organizado em 4 núcleos de funcionamento, cada colaborador, sempre que possível e quando necessário, atua numa ótica de entreaajuda, essencial para o bom funcionamento de uma equipa, colaborando pontualmente na execução de outras tarefas da competência do Serviço.

E qual a sua responsabilidade enquanto diretora?

Enquanto diretora do SGA, incumbe-me assegurar que o Serviço, no cumprimento da sua missão, desenvolve e executa as competências regularmente previstas, bem como praticar os atos próprios de um dirigente em matéria de recursos humanos.

Nesta fase da pandemia Covid-19, o SGA tem funcionado, como toda a UAc, em regime de teletrabalho. Como tem corrido esta experiência?

Tem sido uma experiência muito positiva e enriquecedora, para a qual julgo que con-

tribuiu em muito a organização interna da UAc, o seu plano de contingência e o envolvimento de todos os colaboradores. A prioridade nesta fase tem sido dar resposta às diversas questões que têm surgido e que são vitais para a modalidade de ensino não presencial em que nos encontramos.

A comunicação à distância traz dificuldades acrescidas?

Nos tempos que correm, temos diversos instrumentos que nos permitem um contacto bastante facilitado, ainda que à distância. Entendo que a distância não é em si um fator decisivo: a comunicação presencial também pode ser má ou inexistente. A comunicação preocupa-me muito, o fazer chegar a mensagem à outra parte da forma mais íntegra, clara e completa, seja presencialmente seja à distância. De uma forma geral, não vislumbro que a comunicação à distância seja mais difícil, por vezes requer é mais do nosso tempo.

O SGA continua em contacto com os estudantes, ainda que à distância, quer através do email quer através do telefone. Quais têm sido as questões e dúvidas mais recorrentes?

Para além dos canais que mencionou, os estudantes também contactam com o SGA através do Portal do Estudante e do

Infostudente. As questões e as dúvidas mais recorrentes nesta fase estão relacionadas com o pagamento das propinas e com os prazos de entrega dos trabalhos finais de dissertações de mestrado e teses de doutoramento.

Um recente estudo do Observatório de Políticas de Educação e Formação indica que 59,4% dos estudantes do ensino superior se sentem prejudicados com o ensino à distância. No contacto regular com os estudantes da UAc, têm dado conta deste descontentamento?

O SGA ainda não recebeu, por parte dos estudantes, manifestações de opinião relativas ao ensino à distância, julgo que será algo que apenas após o final do letivo, após o fim da experiência, irá naturalmente surgir.

Que desafios a perspectiva do teletrabalho como modo de funcionamento preferencial da UAc no próximo ano letivo representa para o SGA?

O maior desafio para mim reside nos novos estudantes, em acolhê-los e familiarizá-los com as questões de natureza académica, com as ferramentas que têm ao seu dispor.

MARIA DA LUZ CORREIA
(DOCENTE DA FCSH)

Agora é moda

A máscara

ILUSTRAÇÃO DE CARLA MEDEIROS (ANTIGA ALUNA DO MESTRADO EM PRÉ-PROFI DA FCSH)



Porque ela tornou-se um artigo indispensável no nosso quotidiano...

A máscara está presente na vida humana desde tempos imemoriais. Em rituais sagrados, visava proteger de inimigos, do desconhecido, da doença, ou homenagear os deuses, personificá-los para atrair prosperidade e vitória na guerra. Mais tarde, adotou uma função teatral com o intuito de vincar traços de expressão facial da personagem, de modo a que o seu caráter se tornasse facilmente perceptível. No Renascimento, foi usada para ocultar a identidade e facilitar a inclusão de convidados em grandes festas, nivelando-os no anonimato.

Hoje, ela tornou-se um artigo indispensável no nosso quotidiano, uma espécie de roupa interior, sem a qual no sentimos expostos à vergonha e ao linchamento público. Apesar disso, mantém uma dimensão ritualista e simbólica. Primeiro, há o ritual da lavagem

das mãos e da colocação estratégica das pontas dos dedos em certos sítios dos elásticos. Depois, há a escolha do tipo de máscara - social, cirúrgica ou anti bomba atômica. A seguir, vem o tipo de padrão, que oscila entre o branco-oxalá-ninguém-me-veja e o colorido-tenho-5-anos-outra-vez-e-moro-na-Disneylândia. O objetivo deste retorno ao passado não é renascentista, mas arcaico. Recuámos no tempo e voltámos a precisar de proteção divina para vencermos uma guerra contra um inimigo que, se nos vir o rosto, sentirá uma atração imediata por nós e ficará até que a morte nos separe. É disto que fugimos, com a ajuda da máscara: de um amor fatal.

Acontece, porém, que, como em todas as histórias de amor, há sempre um ser que ajuda o enamorado detestado. Geralmente, é um pobre de Cristo, que se vende

por dois tostões para entregar um bilhete ou fazer uma intriga. Neste caso, é o nosso próprio nariz que nos atraiçoa. Ele faz de tudo para que nos livremos da máscara: embacia lentes, recorda comichões, exige ar puro, quer liberdade, arroga-se o direito de sair levantado, espevitado, cheirando, torcendo-se, espirrando conforme muito bem entender. Neste caso de amor não correspondido, tudo se complicou com uma Tripla Aliança. Quando o nariz é frouxo, é a boca que toma a dianteira para receber o beijo e fazer a jura de amor eterno ao vírus.

Vivemos tempos difíceis. Manter o nariz e a boca dentro da máscara é como juntar a mão direita e a esquerda na mesma luva. E ainda nem chegou o verão!

 LEONOR SAMPAIO DA SILVA
 (DOCENTE DA FCSH)

Agora Veja

Foto do mês

 Foto de Jorge
 Kol Carvalho

 Esta rubrica tem a colaboração
 da Associação de Fotógrafos
 Amadores dos Açores (AFAA).


Agora é hora

Agora é hora de desconfinar

Há dias, um aluno perguntava se eu ia voltar a lecionar a cadeira "como anteriormente" (presencialmente). Respondi-lhe que esperava que sim, embora não soubéssemos como esta pandemia evoluiria. Possivelmente, como todos afirmam, nada mais seria como dantes.

Refiro este pequeno apontamento da minha docência recente porque a pergunta do meu aluno dá bem conta dos tempos que vivemos: ansiamos pelas mais improváveis certezas. Faz parte da nossa condição humana fazermos previsões e, com base nelas, anteciparmos cenários e possíveis consequências. É assim com quase tudo o que vivemos: imaginamo-nos a entrar na universidade e a tirar um curso, esperamos um dia ter um trabalho que nos realize, uma família e uma reforma, ansiamos ter tempo de qualidade, bons amigos e acreditamos que vamos ter saúde para gozar tudo isso.

Podia continuar a referir coisas que integram a nossa agenda pessoal e dão sentido ao nosso quotidiano, porque nos projetam no futuro que "mentalmente" construímos e socialmente validamos. Mas o que acontece quando as nossas vivências são abaladas por algo, expectável ou inesperado, afetando conjunturas, rotinas, expectativas, formas de sentir e tanto mais? Desta vez o abalo não foi da terra que pisa-

mos, mas foi 'algo' invisível e perigosamente contagioso, que veio de longe e rapidamente se espalhou, matando milhares e paralisando sociedades e economias pelos quatro cantos do mundo - o novo coronavírus.

Há três meses, mesmo os mais pessimistas que ouvissem notícias sobre a epidemia na China pensariam que o vírus não chegaria cá e, se chegasse, não seria muito nocivo. Estudos da psicologia do risco dizem que tendemos a minimizar os riscos distantes e pouco conhecidos. Uns dias mais tarde, iniciávamos uma experiência de isolamento social inédita e profundamente marcada pela incerteza nos planos da saúde, económico, social e psicológico. Tinham naturalmente surgido as razões para investigar a perceção de risco da pandemia. Com um grupo de colegas da psicologia e da estatística iniciámos o estudo *SoDIM COVID-19, Dimensão Social da Pandemia COVID-19 em ilhas*, para perceber como residentes nos Açores e na Madeira estavam a sentir o risco da pandemia e o isolamento social. Com os dados da nossa primeira recolha em análise, preparamos um segundo momento do estudo sobre as exigências psicológicas do desconfinamento que enfrentamos agora.

 ISABEL ESTRELA REGO
 (DOCENTE DA FCSH)

DIREITOS RESERVADOS



Desconfinamento, a quanto obrigas?